

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

TIMIDEZ NO ESPAÇO ESCOLAR:

A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DIANTE DO ALUNO TÍMIDO

ALUNA: ISABELLA MERCES DE SOUZA

ORIENTADORA: PROF^a DOUTORA SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO/2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

TIMIDEZ NO ESPAÇO ESCOLAR:

A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DIANTE DO ALUNO TÍMIDO

Monografia elaborada pela acadêmica Isabella Mercedes de Souza como requisito para a conclusão do Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação da Professora Dr^a Sandra Albernaz de Medeiros.

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO/2011

AGRADECIMENTOS:

À Deus, pelo dom da sabedoria

À minha querida avó, pelo carinho e atenção dedicado a mim

À meus pais , pela minha vida

À minha irmã, pelos momentos de descontração

À meu padrinho, por nunca ter permitido que eu perdesse a fé

À minhas tias, por terem sempre acreditado em meu potencial

À minha querida professora orientadora Sandra, por ter me dado apoio desde o início da minha trajetória acadêmica e, por suas doces palavras

Aos colegas tímidos que contribuíram substancialmente para que esse trabalho fosse realizado

“A timidez é composta do desejo de agradar e do receio de não o conseguir”

Beauchêne

RESUMO

O presente trabalho busca analisar e refletir a questão da timidez no contexto escolar, especialmente, a atuação dos professores diante dos alunos tímidos em sala de aula a partir de entrevistas com alunos tímidos e observações em escolas públicas com professores do ensino fundamental, especialmente 4º ano, tendo como principais objetivos: descrever o que é timidez, identificar práticas dos professores diante dos alunos tímidos, analisar e refletir as atuações dos professores diante de alunos tímidos em sala de aula, e como se dá essa relação aluno (tímido) - professor. O trabalho será realizado a partir da experiência como aluna tímida; Relatos pessoais de pessoas tímidas e análise de observações realizadas em sala de aula com alunos tímidos do 4º ano do ensino fundamental (antiga terceira série), com faixa etária entre 9 e 12 anos, e com professores desse segmento, onde o objetivo foi tentar investigar a relação que se estabelece entre eles. Primeiramente busquei conceituar o termo timidez a partir de duas vertentes: pessoal e a dos teóricos, em seguida, procurei observar o comportamento dos alunos tímidos em sala de aula e o tratamento que lhes é dispensado, especialmente pelos professores. Será um estudo etnográfico voltado ao cotidiano escolar, a fim de repensar e reconstruir o saber didático.

PALAVRAS – CHAVE: Timidez, professor – aluno, sala de aula

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1: Conceituando a timidez.....	04
Capítulo 2: Timidez no espaço escolar.....	06
2.1 A Importância da autoestima	10
3. A Timidez é um problema?	13
4. Teoria do Desenvolvimento Psicossocial	16
5. A Influência do espaço escolar no comportamento dos alunos tímidos.....	22
6 . Um Olhar atento aos alunos tímidos em sala de aula	24
7. Considerações Finais	34

Introdução

Segundo Wikipédia, timidez pode ser definida como um desconforto, inibição em situações de interação pessoal que interferem na realização dos objetivos pessoais e profissionais de quem a sofre. Pode ser caracterizada pela obsessiva preocupação com as atitudes, reações, pensamento dos outros, acarretando questionamentos como: O que vão pensar de mim? Será que vão rir de mim? Será que estão rindo de mim? Estas e outras perguntas são o que mais atormentam um tímido.

O tímido tenta se esquivar das situações para não ser notado, geralmente gosta de se manter calado. Como popularmente se fala “entra mudo e sai calado” para não atrapalhar e não ser atrapalhado.

A inserção do tímido no âmbito escolar merece destaque, porque é na escola onde geralmente o tímido mais sofre como: na hora da avaliação oral, quando o professor lhe faz uma pergunta, quando o professor chama no quadro, quando o professor chama a mãe na escola por algum motivo, quando o aluno recebe o boletim, entre outros fatores. O tímido geralmente sofre por antecipação.

E é também na escola, acredito que o tímido pode perder/diminuir a timidez, amenizar sua angústia diante dos outros; com a ajuda dos colegas e, dos professores principalmente, pois é onde a criança ou adolescente passa mais tempo e tem maior contato com outras pessoas. É nesse período geralmente que se aprende a lidar com atos e gestos típicos de quem vive em sociedade e é também onde ficamos mais expostos aos outros. Sendo assim, por já ser angustiante para o tímido a sua exposição no ambiente escolar, é viável que colegas e professores dêem suporte para o aluno tímido, de forma que não o exponha mais do que precisa para se viver em sociedade.

O professor pode trabalhar essa questão em sala de aula, incentivando o aluno tímido a participar das atividades propostas de maneira democrática. Sem o excluir ou expor. Mas não cabe agora oferecer possibilidades práticas para o professor lidar com alunos tímidos em sala de aula.

O que se prioriza no presente trabalho é analisar e refletir a questão da timidez no contexto escolar, especialmente, a atuação dos professores diante dos alunos tímidos em sala de aula a partir de relatos pessoais e observações aí feitas com alunos tímidos do 4º ano (antiga 3ª série) de uma escola pública da zona sul do Rio de Janeiro, detectando as principais dificuldades encontradas por eles no relacionamento com seus professores.

Tal estudo visa dar importância ao tímido em sala de aula, já que muitas vezes ele se torna um indivíduo excluído do contexto escolar, por não ter o apoio de alguns professores para lidar com ele. O professor, por supostamente não ter nenhum tipo de problema com aluno tímido, parece não se preocupar com ele, com a sua singularidade, potencialidades.

Ao longo da minha trajetória estudantil como aluna tímida notei que alguns professores devido a minha timidez (acredito), não se importavam muito com a minha presença. Como eu não representava nenhum tipo de problema aos professores, eles não eram atentos a mim, apenas aos alunos ditos “problemáticos” e como consequência disso, causava-me uma sensação de exclusão ou abandono. Outros me ofereciam ajuda constantemente. Estes foram os que mais me ajudaram a superar a minha timidez, mesmo sendo minimamente. Digo isso porque uma parcela mínima me ajudou nessa questão. Já um terceiro grupo de docentes chamava minha atenção a todo minuto devido à minha dificuldade em responder questões propostas por eles; expondo-me à turma. Geralmente eu demorava a responder ou não respondia a nenhuma pergunta, não pelo fato de não saber, mas pela pressão dos professores.

A partir dessas questões levantadas durante minha trajetória estudantil, resolvi tratar do tema: a atuação do professor diante do aluno tímido em sala de aula, a fim de constatar se tais observações feitas em sala de aula procedem ou não em tempos atuais.

A princípio tinha optado por escola particular em razão da minha trajetória estudantil ter sido realizada em estabelecimentos particulares de ensino, mas por motivo de restrições de acesso da escola para realizar o trabalho de campo, tive que realizar a observação em escola pública. Segundo Geertz,

“A escolha da escola a ser pesquisada é decisão tomada por meio de consideração de inúmeros aspectos, dentre os quais é possível destacar o objetivo do estudo e as características específicas da escola. No entanto, é fundamental contar com a aceitação da escola para que o estudo seja realizado, sem o que as relações de confiança ficam dificultadas, quando não impossibilitadas.” (GEERTZ,1989)

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da zona sul do Rio de Janeiro com alunos tímidos do 4º ano do ensino fundamental (antiga terceira série), com faixa etária entre nove e doze anos, e com os professores desse segmento, a fim de observar a relação que se estabelece entre eles.

Primeiramente procurei observar o comportamento dos alunos tímidos em sala de aula e fora dela. Em seguida busquei observar a relação entre professor – aluno (tímido)

Em suma o trabalho é elaborado a partir de um estudo etnográfico voltado ao cotidiano escolar, a fim de repensar e reconstruir o saber didático. Segundo Geertz,

Praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário "o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa" (1989, p. 15).

O estudo terá como fio condutor observação, análise – entrevistas com pessoas tímidas.

Os instrumentos de pesquisa que serão utilizados incluem livros, periódicos, monografias, artigos retirados da internet.

Capítulo 1: Conceituando a timidez

A timidez pode ser compreendida como um incômodo, inibição em situações sociais, como: participar de dinâmicas de grupo, entrevistas, seminários, festividades, falar em público, dirigir-se a outras pessoas, puxar assunto com pessoas desconhecidas etc.

A timidez caracteriza-se por intensa preocupação com reações e pensamentos dos outros, podendo ser percebida pela fala ou pelos gestos da pessoa tímida diante da autoridade, grupos, sexo oposto e pode interferir na realização dos objetivos particulares e profissionais de quem a sofre.

A timidez é uma característica da personalidade, portanto não é inata. É a partir da interação social que o indivíduo produz sua personalidade.

Segundo a definição Buss e Cheeck (1981 apud Amélio, 2010) a timidez possui três ingredientes: tensão e inibição em situações sociais.

Tensão - A sensação de tensão acontece devido às reações fisiológicas (contração muscular, suor, enrubescimento etc.), emocionais (medo, apreensão etc.) e cognitivas (pensamentos pessimistas, autoconsciência etc.) que ocorrem nas situações intimidantes.

Inibição - A inibição prejudica o desempenho do tímido. Ele se comporta de uma forma mais inferior do que é capaz: fala menos, gesticula menos, olha menos nos olhos de outras pessoas, perde oportunidades para dar boas respostas, gagueja etc.

Situações sociais - A tensão e a inibição são provocadas pela presença de certos tipos de pessoas e de situações sociais.

E se divide em dois tipos:

- a) Timidez situacional – A timidez se manifesta em circunstâncias específicas. Por exemplo, a pessoa não tem dificuldade em se relacionar, mas tem dificuldade em falar em público.
- b) Timidez crônica - A pessoa tem dificuldade em se comunicar: com estranhos; participar de entrevistas; fazer amigos; falar em público; falar com o sexo oposto; falar diante de autoridades ; enfim, é prejudicada em praticamente todas as áreas de convívio social.

De acordo com as tipologias da timidez, mencionada anteriormente, vale ressaltar a timidez situacional, onde todas as pessoas já vivenciaram ou vão vivenciar. Quem nunca se sentiu inseguro diante de uma entrevista de emprego. Quem nunca ficou passivo diante de uma dinâmica de grupo e numa apresentação de trabalho não se sentiu envergonhado?

Na prática, todos nós somos afetados pela timidez em alguns momentos de nossas vidas, uma vez que ela funciona como um inibidor dos excessos condenados pela sociedade, isto é, permite que a pessoa tenha cautela ao agir perante novas situações.

Vale ressaltar quando a timidez se torna patológica é denominada fobia social.

Segundo Pereira (2007), a fobia social tem todas as características da timidez crônica, porém é ainda mais intensa quando a pessoa foge de todas as situações de convívio social como: festividades, atividades em grupo, reunião etc. Além disso, pode apresentar sintomas como sudorese, tremores intensos, taquicardias, náuseas e desconforto abdominal. A timidez não deve ser confundida com fobia social, já que esta prejudica ainda mais o indivíduo e seus sintomas são mais intensos e incapacitantes; nem confundida com personalidade anti-social, pois a timidez incomoda o indivíduo justamente por ela afetar seu relacionamento com outras pessoas, o que é indiferente para uma pessoa anti-social, que ignora a possibilidade de estar afetando negativamente outras pessoas; muito menos ser confundida com antipatia, visto que quando a esfera da timidez é ultrapassada e superada o indivíduo pode se mostrar muito afável, ao contrário de uma pessoa antipática. E nem confundida com um misantropo, do grego *misanthropía*¹ - pessoa que tem aversão ao convívio social e vive em isolamento, já que não mostra preocupação em se dar com as outras pessoas, de ter uma vida social e tem tendência a ter pouca ou praticamente uma inexistente vida social. É um estado de reclusão que alguns indivíduos escolhem para viver. Podem até conviver com algumas pessoas, mas sempre com desconfiança e desconforto.

¹ é a aversão ao ser humano e à natureza humana no geral. Também engloba uma posição de desconfiança e tendência para antipatizar com outras pessoas. Um misantropo é alguém que odeia a humanidade de uma forma generalizada. A palavra vem do grego *misanthropía*, a junção dos termos *μίσος* (ódio) e *άνθρωπος* (homem, ser humano). O termo também é aplicável a todos aqueles que se tornam solitários por causa dos sentimentos acima mencionados (de destacar o elevado grau de desconfiança que detêm pelas outras pessoas em geral). (Informações disponíveis em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Timidez>, acesso em 22/10/2011)

Capítulo 2: Timidez no espaço escolar

Para dar início a este capítulo, escolhi apresentar a timidez de acordo com minha experiência como tímida. Não há ninguém melhor para falar da timidez do que eu mesma e meus amigos tímidos, que contribuíram substancialmente para que esse trabalho fosse realizado.

Fazendo uma análise reflexiva a respeito do que foi dito anteriormente por estudiosos sobre a timidez, noto que essa questão é preocupante para os psicólogos, psicoterapeutas, psiquiatras, psicopedagogos, suscitando diversos debates em torno do tema, como o caso do menino que atirou na professora e em seguida cometeu suicídio, gerando muita repercussão na imprensa.

Para uma melhor compreensão acho mais viável descrever o ocorrido:

No dia 22 de Setembro de 2011(quinta-feira), por volta das 15h30, menino de 10 anos, estudante da 4º série do ensino fundamental, aparentemente calmo, sem nenhum histórico de violência, leva arma supostamente do pai (guarda-civil municipal) para escola, e, atira em professora pelas costas, dentro da sala de aula em escola pública do interior paulista.

Agora já explicitado o fato, transcrevo abaixo o texto da psicóloga e psicopedagoga Ana Cássia Maturano sobre o caso, publicado no site G1 no dia 29/09/2011

Opinião: Aluno muito tímido também deve ter atenção especial na escola

Caso do aluno que atirou na professora sugere reflexões nas escolas.

Timidez pode esconder as angústias de uma criança.

Ana Cássia Maturano, Especial para o G1, em São Paulo 29/09/2011

Algumas coisas que acontecem na vida parecem não ter explicação. E não têm mesmo. Tentar compreendê-las não passa de especulação. Mas sem fazer isso, a dureza de alguns fatos torna-se demasiadamente pesada. Só depois de se falar muito deles, pensar, sofrer... só assim algo poderá ser elaborado.

Um desses acontecimentos foi bem recente. Trata-se do menino Davi, de dez anos, que após atirar em sua professora, atirou em sua própria cabeça, cometendo suicídio. Algo incomum para uma criança, dessa idade. Diante do que aconteceu, seu pai tem consciência de que nunca vão obter uma resposta.

Achar que foi apenas uma brincadeira que deu errado, como alguns cogitam, é dar um significado muito simplório à atitude do garoto. Nossos atos não são meros acasos, eles têm um sentido. Ainda mais em se tratando de tentar matar o outro e matar-se a si próprio.

Há indícios de que havia um desconforto do aluno em relação a essa professora. E idéias verbalizadas do que ia fazer. Inclusive, mostrado num desenho. O que não é de todo estranho – desenhou a ele com duas armas e a figura de uma professora. Nem sempre damos atenção ao que as crianças dizem e expressam em seus desenhos. Que, é claro, só poderão ser entendidos dentro de um contexto. Ele disse o que ia fazer e cumpriu.

De uma maneira planejada – pegou a arma do pai e negou, quando questionado, que estivesse com ela. O fato surpreendeu a todos, inclusive a professora. Davi é descrito como criança quieta e tímida, aluno exemplar e com poucos amigos – o que ele fez parece não se encaixar em seu perfil.

Geralmente a preocupação de pais e escola é dirigida às crianças mais agressivas e arterias. Elas também podem extrapolar. Mas a criança muito quieta e tímida não é assim à toa. Às vezes, a angústia delas é maior. As primeiras expressam seu sofrimento, tendo chance maior de receberem ajuda. As mais fechadas, não. Não causam transtorno e parecem bem adaptadas as suas condições de vida. Quando manifestam sua dor, tendem a fazer de maneira extremada.

Talvez essa seja uma das lições que se pode tirar dessa situação. Outra questão a ser levada em conta, que gera muita preocupação, é o acesso que se tem a armas de fogo. Na casa de Davi havia uma, que seu pai ensinou a manusear. Quando usada, pode ser fatal. Ele era apenas uma criança de dez anos, não condiz com seu momento de vida saber lidar com uma arma. Vai além de sua maturidade. Não é qualquer um que deve ter acesso a elas.

Quem sabe essa tragédia possa ajudar a pensar nessas questões e promover mudanças.

E agora o que resta? Muita dor e questionamentos, que não devem ser colocados debaixo do tapete. Devem ser olhados e encarados. Não falar sobre o assunto tende a aumentar o sofrimento daqueles que vivenciaram de perto a situação. Como aconteceu com o menino Davi.

A escola tem um papel importante nisso, abrindo espaço para que professores e alunos expressem sua dor. Como a atitude de levar rosas brancas no retorno às aulas. Mas, também, propiciando que eles conversem sobre o ocorrido.

No começo não será fácil para muitos. Com o tempo as coisas tendem a melhorar. Torço para que todos – família, cuja dor deve ser lancinante, e escola – encontrem paz depois de tragédia tão grande.

Esse texto de Maturano propõe uma reflexão sobre a prática do professor e sua relação com os alunos tímidos - questão esta pouco discutida e observada em sala de aula e fora dela.

Mas muitos devem perguntar, mas porque levantar essa questão?! O tímido não atrapalha em nada. É justamente aí que paro e reflito. Por não atrapalhar em nada ele não tem nenhum tipo de problema? Não tem sentimentos? Não tem angústias? Não tem raivas? Fica aí a pergunta.

E a resposta?! Não é preciso responder. Sabemos que todas as pessoas tem angústias, sentimentos, raiva.. Sabemos também que precisamos sempre do outro para nos ajudar, seja ele psicólogo, professor, amigo ou familiar.

Acredito que seja no contexto escolar que o tímido mais precise de ajuda, pois é na escola que se estabelecem as primeiras relações sociais fora do contexto familiar. Na escola, os professores deveriam ter um olhar mais atento aos alunos tímidos “que não incomodam, mas se sentem incomodados” por ficarem esquecidos e ignorados dentro de uma sala de aula. Incomodados também por se sentarem no canto da sala, por não fazerem perguntas, por não conversarem com ninguém.

Lembro na minha época de colégio que sempre me sentava no canto da sala me esquivando do professor. Era torturante pensar que seria chamada pelo professor para responder alguma questão, por isso sentava no canto, para não ser notada pelos professores. Mas era pelos colegas que mais queria ser notada.

Quando algum colega me chamava para sentar ao lado ficava muito satisfeita, mas o que não me deixava nada satisfeita eram as perguntas ligadas a timidez; que são feitas até hoje.

Outra coisa que me deixava muito satisfeita era quando o professor falava pessoalmente comigo. Lembro de um professor de física (esse nunca vou esquecer!) sempre ia à minha mesa e dizia: “Se você tiver alguma dúvida sobre a matéria e tiver com vergonha de falar na frente de todo mundo pode me chamar no final da aula que te explico.”

Lembro também de outro episódio que jamais esquecerei.

Numa determinada série do primário fui reprovada e entrei em depressão e não quis mais saber de colégio. Minha mãe até conseguiu me convencer a ir à escola, mas chorava o dia inteiro, tornando-se motivo de chacota.

Era todo dia a mesma choradeira, os mesmos deboches, a mesma angústia. Eu chorava por qualquer motivo, até para responder a chamada. A professora não entendia o que se passava comigo, mas ficava na dela, só observando. Até que um dia ela resolveu me perguntar o que

estava acontecendo, e expliquei a situação. Depois dessa acolhida, passei a não chorar com frequência, e por incrível que pareça me curei da depressão. Naquele dado momento o que mais precisava era de alguém que me desse atenção.

“Todos nós já tivemos um professor ou uma professora cuja imagem ficou marcada para sempre em nossa memória.” (Sanches, 2009b, p. 38) e esses professores mencionados anteriormente foram os que marcaram minha trajetória. “As pessoas passam, o cenário, a época e a situação mudam, mas as marcas deixadas permanecem.” (Sanches, 2009a, p. 18) e servem de exemplo para educadores e futuros educadores.

Essas pequenas atitudes fazem toda a diferença. Atitudes estas de professores fascinantes. Como diz Augusto Cury no livro Pais Brilhantes Professores Fascinantes

“(…) Professores fascinantes possuem sensibilidade.

Este hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver auto-estima², estabilidade, tranquilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar.”

“(…) Professores fascinantes falam com os olhos.” “(…) Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos” (Cury,2003)

Esses professores fascinantes “dão uma atenção especial aos alunos desprezados, tímidos (...). Sabem que eles podem ser encarcerados por seus traumas. Por isso, como poetas da vida, estendem a sua mão e mostram–lhe sua capacidade interior.” (Cury, 2003)

² De 1960 até o início de 1990, pesquisas norte-americanas reconheceram que a autoestima dos estudantes era fator crítico nas qualificações obtidas na escola, em seus relacionamentos com os colegas e em seus sucessos posteriores na vida. Aceito o fato, vários grupos norte-americanos criaram programas para incrementar a autoestima dos estudantes, acreditando que as qualificações melhorariam e os conflitos decresceriam, o que tornaria as pessoas mais felizes e bem sucedidas. Hoje temos até empresas especializadas em ‘cuidar’ da autoestima de funcionários (Sanches, 2009b, p. 76)

2.1 A Importância da autoestima

A forma de como nos sentimos diante de nós mesmos, como nos julgamos afeta todas as relações de convívio social: trabalho, faculdade, relação com familiares, com colegas e com nossos superiores. Se nos sentirmos inferiores, isto é, com baixa autoestima estaremos mais propensos a não executarmos bem as tarefas cotidianas. As limitações de cada indivíduo são reflexos das visões mais íntimas que temos de nós mesmos. Quando estamos com baixa autoestima nos limitamos, somos incapazes de realizarmos determinada tarefa. Mas quando estamos com a autoestima elevada podemos mover o mundo e nada se torna difícil. Mas porque falar de autoestima nessa monografia?

Resolvi falar no presente capítulo do termo autoestima, pois é de enorme importância trabalhar essa questão no contexto escolar, principalmente com os alunos tímidos que geralmente não tem boa autoestima. Ter autoestima é importante para todo ser humano, principalmente àqueles que estão inseridos no processo ensino aprendizagem isto é, professor e aluno.

“Mas o que é realmente a autoestima? É simplesmente, a opinião e o sentimento que cada pessoa tem de si mesma. É ser capaz de respeitar, confiar e gostar de si” (Sanchez, 2009b, p.74)

“Entende-se por autoestima um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, que se reflete em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo” (Rosenberg, 1965). O ponto fundamental da autoestima é o aspecto valorativo – valor que se estabelece a determinada coisa.

Nossa autoestima começa a se formar ainda na infância e tem relação ao modo como as outras pessoas nos tratam. Uma criança com baixa autoestima, não detém de autoconfiança, autorrespeito e já a de boa autoestima confia no seu taco. Mas acredito que tais valores são construídos a partir das relações que se estabelece entre criança e adulto, isto é, se o adulto reprime com frequência as atitudes da criança, esta despertará um sentimento de insegurança, conseqüentemente, diminuirá sua autoestima, em contrapartida se ao adulto alimenta sua autoconfiança, apoia suas atitudes, contribui para favorecer a promoção da autoestima.

Os professores, em sua maioria, não favorecem a autoestima dos alunos, principalmente os mais acatados; não os estimula a realizar tarefas em sala de aula e fora dela, que seriam tarefas simples como: apagar o quadro, distribuir material, fazer pequenas leituras. Tal constatação me fez lembrar da minha época do colégio...

Tive algumas professoras que contribuíram muito para que eu perdesse um pouco dessa minha timidez. Nos eventos da escola eu sempre era escolhida por essas para fazer alguma encenação, ou ler algum texto, ou levar alguma coisa a alguém. Essas professoras sempre me delegaram o papel principal e muito dos meus colegas ficavam muito incomodados com isso. Fora isso achavam que eu não seria capaz de atuar positivamente, pois, era muito tímida. Mas o resultado era surpreendente, pois tinha maior destaque, atuação melhor do que os meus colegas ditos “extrovertidos”. E o que eu mais almejava o tempo todo era ocupar esse lugar.

De acordo com essa minha vivência me veio em mente a crônica de Luis Fernando Veríssimo que ilustra bem o que quis dizer no trecho anterior.

Da Timidez

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico, só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

Todo mundo é tímido, os que parecem mais tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido. O extrovertido faz questão de chamar atenção para sua extroversão, assim ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando "Não me olhem! Não me olhem!" só para chamar a atenção.

O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente, o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a

maciez estudada de uma noviça. Para o tímido, não apenas todo mundo, mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embarçá-lo.

O tímido vive acochado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme o que tira o seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma platéia, o tímido não pensa nos membros da platéia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a platéia fechar os olhos, ou tapan um olho e um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó. (VERÍSSIMO, 1995, p. 324-325.)

23/02/95

Luis Fernando Veríssimo

Esse texto de Veríssimo mostra bem como tímido encara o mundo, as pessoas, e as situações diversas do seu cotidiano. O tímido realmente tem um desejo insaciável de ser o centro de atenções. Busca ser o melhor, busca a perfeição, por isso o receio de cometer erros, principalmente perante os colegas ou de qualquer pessoa que esteja por perto. Como ninguém é melhor que ninguém...ele sabe que nunca será perfeito, nunca será quem ele realmente quer ser.

Capítulo 3: A timidez é um problema?

A questão da timidez sempre foi tratada como uma característica negativa. Lembro que na fase adolescente era de costume compartilhar aqueles famosos cadernos de perguntas - um referencial de uso dos adolescentes.

Quem nunca respondeu a um caderno de perguntas ou já ouviu falar dele?! Em algum momento da sua vida esse caderno já passou em suas mãos ou até mesmo nas mãos de seus pais. Minha mãe pelo menos já respondeu a um desses.

E nele contia perguntas como: 1-Nome; 2-Idade; 3-Aonde mora; 4-Aonde estuda? ; 5-Solteiro, enrolado, namorando ou casado (a)? 6-O que gosta de fazer nas horas vagas? ; 7-Gosta de alguém?Quem? ; 8-Qual seu maior sonho? ; 9-Quem é seu melhor amigo? ; 10-O que acha de sua família? ; 11-O que você acha das drogas? ; 12-Gosta de que tipo de música?; 13- Qual sua música preferida? ; 14-É virgem, se não é como foi? 15-Já ficou com quantos meninos (a)? ; 16-O que você acha de mim? Cite uma qualidade e um defeito em mim; 17-Se pudesse pedir três desejos o que pediria? ; 18-Qual foi o pior dia da sua vida? ; 19-Se pudesse voltar no tempo e mudar algo o que mudaria? ; 20-Qual foi seu melhor beijo e qual o pior? ; 21-Pior cantada?E a melhor? ; 22-O que você mais gosta no seu corpo? 23-Quem você levaria e quem você deixaria em uma ilha deserta? ; 24-Qual o maior mico que você já pagou? ; 25- Qual seu maior medo? ; 26-Qual é a matéria escolar que menos gosta e a que mais gosta?! 27- Qual o lugar que você sempre quis conhecer? ; 28-Quem você gostaria de ser se não fosse você mesmo? ; 29-Se você pudesse mudar algo em você, o que mudaria? ; 30-O que achou do caderno?

Mas o que realmente interessa neste trabalho é analisar a resposta da questão (16) O que você acha de mim? Cite uma qualidade e um defeito em mim. Mas porque analisar essa pergunta? Na verdade o que busco é analisar a resposta dos meus colegas em relação a mim. Em relação a questão: Cite um defeito em mim, era unanime a resposta a timidez. A minha timidez sempre foi tratada como um defeito e vejo que não é só a “minha timidez”. De modo geral as pessoas associam a timidez a um problema.

Mas pelo fato das pessoas considerarem-na como um defeito eu também respondia o mesmo. Contudo constata-se que a timidez carrega consigo aspecto negativo. Caracterizada como um problema, um defeito, uma doença.

Encarar a timidez dessa maneira nos leva a pensar que ela precisa ser tratada curada. E realmente muitas pessoas tentam tratar, curar a timidez. Não é à toa que existem inúmeras clínicas especializadas, livros de autoajuda, cursos de oratória para curar a timidez, dicas de como vencer a timidez, manuais voltados para a questão e até remédios. "Esse número só tende a aumentar com a pressão cada vez maior de uma sociedade exibicionista como a nossa", disse a ÉPOCA o professor Bernardo Carducci, diretor do Instituto de Pesquisas Relacionadas à Timidez da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, e autor do best-seller Timidez.

Isso nos leva a questionar sobre a normalidade das coisas.

Encarar timidez como doença nos leva a um questionamento sobre a normalidade das coisas, sobre que critérios são esses capazes de diagnosticar o que é normal ou não. Primeiramente, nem sempre aquilo que é habitual é normal e o que é excepcional é patológico. (SEIXAS, 2006, P.28)

Pesquisas apontam que 48% das pessoas declaram ser tímidas, isto é, "quase metade da população mundial, sendo assim, tendo em vista sua grande ocorrência universal a timidez pode ser considerada normal (de tão habitual) do ponto de vista estatístico." (BALLONE,2009)

Um outro aspecto importante a ser considerado são as diferenças culturais entre as sociedades. Em determinadas culturas uma pessoa mais reservada não encontra problemas, mas ao contrário, é valorizada socialmente, já em outras aquele que demonstra ser mais extrovertido, comunicativo é mais exaltado. (SEIXAS, 2006, p.28)

No Japão, onde os pais são secos e severos, a timidez atinge 60% das pessoas. Israel, por sua vez, tem o menor número de tímidos do planeta: 30%. Reza a cultura local que os pais reconheçam e elogiem as conquistas dos filhos. Também se encara a timidez como comportamento aprendido. (Artigo publicado no nº 306, Março de 2004, da Revista Época)

Conforme dito anteriormente por Carducci (2004) vivemos em uma sociedade exibicionista. No século das celebridades e dos reality shows, em que a regra é aparecer a qualquer preço, o tímido não tem vez.

Por isso o temor que os tímidos tem de participar de diversas situações sociais, pois a sociedade não permite que o indivíduo seja reservado.

A cultura através da sociedade com suas relações, produções e normas determinam o comportamento do homem, visto ser esta inter-relação que forma a sua personalidade, e que esta ao identificar e diferenciar o indivíduo é o agente determinante do

comportamento do indivíduo ao motivar as suas ações. Plena interação e inter-relação. (Motta,s.d)

A cultura exerce forte importância no processo de formação do indivíduo, mas este detém de autonomia para fazer suas próprias escolhas

O sistema sócio-cultural costuma elaborar uma relação muito extensa de adjetivos utilizados para a arguição dos indivíduos baseado na descrição de seus traços. Nesta visão o indivíduo pode ser classificado como sincero, honesto, compreensivo, inteligente, cálido, amigável, ambicioso, pontual, tolerante, irritável, responsável, calmo, artístico, científico, ordeiro, religioso, falador, excitado, moderado, calado, corajoso, cauteloso, impulsivo, oportunista, radical, pessimista, e por aí a fora. Podemos ainda considerar a pessoa através de seu traço predominante, da característica que melhor a define, como se, entre tantos traços caracteristicamente humanos, este determinado traço específico predomina sobre os demais. (BALLONE, 2004)

De acordo com esse sistema sócio-cultural cada indivíduo é definido, julgado de acordo com sua característica predominante. É por causa do valor cultural negativo atribuído ao tímido que os mesmos se sentem menos valorizados.

A timidez é passível de tratamento quando indivíduo pensa em agradar somente o outro, em detrimento de si próprio, da realização de seus desejos, suas vontades, e quando começa a limitar as ações da pessoa, isto é, quando ela foge de todas as situações de convívio social e passa a prejudicar sua vida em todas as circunstâncias sociais, causando-lhe sofrimento e acarretando isolamento.

A timidez se torna um problema quando vira uma barreira entre nós e o que desejamos. A partir daí, há uma necessidade de ajuda, seja da família, da escola ou de um terapeuta. (BARRETO, 1996, p.13)

Capítulo 4: Teoria do Desenvolvimento Psicossocial

Uma teoria que poderá contribuir para fundamentação do estudo em questão, e para compreensão da constituição da timidez em alguns indivíduos ao longo da vida, é a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erick Erickson. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma vertente negativa. As duas vertentes são necessárias mas é essencial que se sobreponha a positiva. A forma como cada crise³ é ultrapassada ao longo de todos os estágios irá influenciar a capacidade para se resolverem conflitos inerentes à vida. Esta teoria concebe o desenvolvimento em 8 estágios. Antes de descrever os oito estágios psicossociais é preciso conhecer um pouco do autor.

Segundo Wikipédia, Erik Homburger Erikson foi um psicanalista, psiquiatra responsável pelo desenvolvimento da *Teoria do Desenvolvimento Psicossocial* – que descreverei a seguir, e um dos teóricos da Psicologia do desenvolvimento.⁴ Nasceu em Frankfurt, na Alemanha, em 15 de junho de 1902, e morreu em 12 de maio de 1994, em Harwich, estado de Massachusetts. As suas concepções revolucionaram a psicologia do desenvolvimento continuando nos dias de hoje a motivar investigações e reflexões várias.

Esta teoria enfatiza o desenvolvimento humano desde o nascimento até o fim da vida considerando a interação do indivíduo com seu meio (afetivo, social, cultural e histórico)

De acordo com Wikipédia, a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson prediz que o crescimento psicológico ocorre através de estágios e fases, não ocorre ao acaso e depende da interação da pessoa com o meio que a rodeia. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma vertente negativa. As duas vertentes são necessárias mas é essencial que se sobreponha a positiva.

³ Crise (do grego κρίσις,-εως,[] translit. *krisis*; em português, distinção, decisão, sentença, juízo, separação) é um conceito utilizado na sociologia, na política, na economia, na medicina, na psicopatologia, entre outras áreas de conhecimentos. (Informações disponíveis em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise> , acesso em 22/10/2011)

⁴ **Psicologia do desenvolvimento** é o estudo científico das mudanças de comportamento relacionadas à idade durante a vida de uma pessoa. Este campo examina mudanças através de uma ampla variedade de tópicos, incluindo habilidades motoras, habilidades em solução de problemas, entendimento conceitual, aquisição de linguagem, entendimento da moral e formação da identidade. (Informações disponíveis em http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia_do_developolvimento, acesso em 22/10/2011)

A forma como cada crise é ultrapassada ao longo de todos os estágios irá influenciar a capacidade para se resolverem conflitos inerentes à vida. Esta teoria concebe o desenvolvimento em oito estágios. A título de ilustração apresento as fases que fazem parte de um ciclo, responsáveis pela formação da identidade do indivíduo definidos por Erikson

Estágios de desenvolvimento

1. Confiança/Desconfiança
2. Autonomia/Dúvida e Vergonha
3. Iniciativa/Culpa
4. Construtividade/Inferioridade
5. Identidade/Confusão de Identidade
6. Intimidade/ Isolamento
7. Produtividade/Estagnação
8. Integridade/Desesperança

Primeiro Estágio – confiança/desconfiança (aproximadamente durante o primeiro ano de vida)

Durante o primeiro ano, a criança adquire ou não uma segurança e confiança em relação a sua mãe e a seus cuidadores. O tipo de vínculo que se estabelece nesta fase reflete em ações futuras, isto é, nas relações que este indivíduo em formação manterá com os outros e com o mundo no futuro. Se a criança não adquirir segurança com sua progenitora, isto é, se a mãe não lhe der amor, responder às suas necessidades, a criança pode desenvolver medos, receios e sentimentos de desconfiança. Já se a criança recebe amor e as suas necessidades são satisfeitas, a criança vai ter melhor capacidade de adaptação às situações futuras, às pessoas e aos papéis socialmente requeridos, ganhando assim confiança.

Segundo estágio – autonomia/dúvida e vergonha (até três anos)

Nesta fase, a criança já tem controle de suas necessidades fisiológicas, explora seu corpo e o mundo. Inicia experiências ligadas atividade exploratória. Porém a criança começa a compreender que não tem liberdade total para soltar sua energia a toda prova, pois tem ciência de que precisa respeitar a certas regras impostas. Se, no entanto, for criticada e ridicularizada, desenvolverá vergonha e dúvida quanto às suas capacidades e potencialidades, provocando uma volta ao estágio anterior, ou seja, a dependência.

O terceiro estágio – iniciativa/culpa (aproximadamente entre os 3 e 6 anos)

Esta fase é o prolongamento da fase anterior, mas de forma mais amadurecida. A criança já adquiriu a confiança, autonomia e controle, isto é, a criança já é capaz de distinguir entre o que pode fazer o que não pode fazer. Agora, cabe associar à autonomia e à confiança, a iniciativa, pela expansão intelectual. Essa expansão se dá pela entrada da criança na escola e pela ampliação de seu círculo de contato que favorece a sua capacidade de planejamento e realização. Esta fase manifesta-se quando a criança já se sente capaz de planejar uma ação a fim de atingir um objetivo, a partir de suas habilidades motoras e intelectuais. Se estas habilidades da criança forem reprimidas, castigadas a criança pode desenvolver um sentimento de culpa. E esse sentimento pode levá-la ao fracasso, podendo comprometer suas atitudes futuras.

O quarto estágio: construtividade/inferioridade (idade escolar antes da adolescência)

Esta fase corresponde à idade escolar (6-12 anos). Para Erikson nesta fase a criança se sentirá capaz de produzir, competente, isto se o somatório das fases anteriores tiver sido positivo. Caso contrário, a criança não poderá afirmar-se nem sentir-se capaz, implantando o sentimento de inferioridade. O sentimento de inferioridade pode levar a bloqueios cognitivos, e a atitudes regressivas.

O quinto estágio – identidade/confusão de identidade (Marca o período da adolescência)

Esta fase rendeu muitos estudos a Erikson, tendo dedicado um livro inteiro á questão chamada *crise de identidade*.

Nesta fase Erikson ressalta que o adolescente precisa de segurança para enfrentar uma série de desafios como: escolha profissional, escolha do par, escolha do grupo, e suas metas para o futuro. Nesse período o adolescente sofre muitas influências e isto faz com que ele mude de posição e opinião muitas vezes, em um período curto de tempo, provocando uma confusão de identidade. Há uma recapitulação e redefinição dos elementos de identidade já adquiridos – esta é a chamada crise da adolescência. Conquista-se o senso de identidade quando o adolescente é capaz de responder as questões: O que sou? O que quero ser? Definindo o papel social que exerce na sociedade.

O sexto estágio – intimidade/isolamento (Ocorre entre os 20 e os 35 anos, aproximadamente)

Esta fase ocorre entre os vinte e os trinta anos, aproximadamente. Caracteriza-se pelas relações profundas e duradouras (amor e amizade). Tem identidade própria e bem fortalecida. O indivíduo está pronto para uni-la à identidade de outra pessoa, sem se sentir ameaçado. Para que haja essa união é preciso que a pessoa nos estágios anteriores tenha construído um ego forte e autônomo o suficiente para aceitar o convívio com outra pessoa sem se sentir anulado ou ameaçado.

Quando isso não acontece, a pessoa busca o isolamento como forma de preservação do seu ego frágil. Quando essa negação da associação com outro ego ocorre por um período curto, não é considerado negativo, pois todo mundo precisa de um tempo para amadurecer o ego e para certificar-se que ele busca realmente uma união. Porém quando a pessoa se nega ao outro por um longo período de tempo, pode-se dizer que é um desfecho negativo para sua crise.

O sétimo estágio – produtividade/estagnação (35 - 60 anos)

Nesta fase, o indivíduo tem preocupação com as gerações futuras, com tudo que pode ser gerado, desde filhos até idéias e produtos. Ele se dedica a geração e ao cuidado com o que gerou, o que é muito visível na transmissão dos valores sociais de pai para filho. Esta é a fase em que o ser humano sente que sua personalidade foi enriquecida – e não modificada com tais ensinamentos. Isso acontece porque existe uma necessidade inerente ao homem de transmitir, de ensinar. É uma forma de fazer-se sobreviver, de fazer valer todo o esforço de sua vida, de saber que tem um pouco de si nos outros. A vertente negativa leva o indivíduo à estagnação nos compromissos sociais, à falta de relações exteriores, à preocupação exclusiva com o seu bem estar, posse de bens materiais e egoísmo.

O oitavo estágio – integridade/desespero (Ocorre a partir dos 60 anos)

Segundo Rabello (2007), nesta fase o indivíduo faz o balanço, avaliação do que se fez na vida e sobretudo o que se fez da vida. Momento de reflexão. O indivíduo pensa principalmente em termos de ordem e significado de suas realizações. Essa retrospectiva pode ser vivenciada de diferentes formas. A partir da vivência positiva: sensação de dever cumprido. O indivíduo experimenta o sentimento de dignidade e integridade, e divide sua experiência e sabedoria. Na vivência negativa: sensação de incompletude – lamenta as oportunidades perdidas, sendo assim, a pessoa vive em eterna nostalgia e tristeza por sua velhice.

Em suma, o que interessa realmente nesse capítulo é a abordagem do quarto estágio: construtividade/inferioridade, pois esse estágio diz a respeito ao sentimento de inferioridade, muito presente nas pessoas tímidas. Além disso, esta fase compreende exatamente a faixa etária observada na escola em que realizei pesquisa sobre os alunos tímidos em sala de aula.

Conforme dito anteriormente, nessa fase a criança se sente ativa, competente, capaz de produzir. Mas as fases anteriores tem muita importância nesse momento. Sem as vivências positivas nas fases anteriores como confiança, autonomia e iniciativa, ela não se sentirá capaz. Nesse caso o ego está sensível, havendo falhas ou grau de exigência alto, a criança volta a níveis anteriores do desenvolvimento, favorecendo o sentimento de inferioridade podendo levar a bloqueios. Por isso a criança, principalmente tímida, deve sentir-se integrada na escola, já que este é um momento de relacionamentos interpessoais importantes.

Erikson (1976), citado por Lopes Nog (2008), alerta que um dos motivos para o surgimento do sentimento de inferioridade pode ser cobrança excessiva da escola, isto é, na imposição de tarefas onde a criança é pressionada e sofre com a possibilidade de não conseguir atingir as metas estipuladas.

Sendo assim, o educador tem fundamental importância nesse aspecto, pois eles podem contribuir para com os alunos contra os sentimentos de vergonha, desconfiança, insegurança e culpa.

Pois é o professor quem está em contato com o aluno, é ele quem comanda as relações interpessoais, é ele quem apaixona seus alunos e quem os desperta para a vida.

A criança deve sentir-se integrada na escola, uma vez que este é um momento de novos relacionamentos interpessoais importantes.

Segundo Sanches (2009a) precisamos ter clareza das relações interpessoais e profissionais construídas diariamente no espaço escolar. É preciso, também, conhecer a história daqueles que fazem parte do contexto escolar (seus desejos, suas carências, seus preconceitos, suas resistências, seus medos, suas angústias, suas possibilidades) para escolher as melhores intervenções e oferecer um trabalho educacional competente e qualificado.

A criança passa boa parte do tempo tentando romper regras estabelecidas pela escola e acaba muitas vezes sendo repreendida, de maneira “violenta”. Ao cobrar da criança mais do que ela precisa e esta sofre por não conseguir alcançar o que se deseja. Daí que vem o sentimento de vergonha.

“É necessário aceitar cada um pelo que é e descobrir o que há de bom nele. Portanto, aquele amigo, aluno, parente, colega de trabalho que você considera imperfeito ou ignorante pode estar regando flores ao lado do seu caminho” (Sanches, 2009a, p.103).

Capítulo 5:

A influência do espaço escolar no comportamento dos alunos tímidos

Antes de direcionar o olhar ao aluno tímido, tentarei observar o espaço escolar: sala de aula, já que é tão falado nesse presente trabalho.

De acordo com Guimarães (2008), de um modo geral, no ambiente escolar, o indivíduo é compreendido e vivido na perspectiva do controle, da adaptação e da repressão. O ajuste social aprisiona a expansão, o espaço dos impulsos e dos prazeres. É preciso e precioso o silêncio, o uniforme limpo e alinhado, o jeito correto de se sentar, o dedo levantado para a pergunta, o gesto calculado para não agitar o ambiente. O cenário de uma sala de aula costuma ser reconhecido pela presença de cadeiras e mesas, quadro de giz, murais, ou seja, equipamentos materiais que legitimam a valorização dos processos de representação (escrita, desenho, e outras marcas gráficas). A dimensão individualizante do trabalho também contribui para o isolamento do indivíduo tímido: carteiras para uma só criança, atividades individuais, praticas em que o valor é colocado mais em cada um do que no grupo.

A sala de aula faz esconder muitos sentimentos, especialmente os dos alunos tímidos. Como a dinâmica escolar é extremamente ritualizada, o tímido não se permite romper com esse paradigma, temendo as conseqüências imediatas e futuras. Sendo assim muitas vezes o tímido comporta-se de acordo com o que foi estipulado, mas isso lhe causa angústia, pois o agir dele não corresponde ao que ele quer ao que ele deseja, aos seus sentimentos. Transformando-se em um ser passivo em determinadas situações, submetendo-se a vontades alheias em detrimento de seus desejos.

Exemplificando: Muitas vezes deixei de responder perguntas, que sabia a resposta, por timidez. Chegava a passar a informação para colega a fim de não ter que encarar o professor de frente. E por fim, quem levava vantagem era minha colega não eu.

Não quero tratar a sala de aula como um espaço físico, mas sim, como um espaço abstrato, que propaga idéias, experiências de vidas, tanto dos alunos, quanto de professores. Que ambos interagem-se com trocas, estas que fazem toda diferença.

Essa relação de troca, mencionada anteriormente, tanto dos professores quanto dos alunos foi primordial para que este trabalho fosse realizado. Nisso não pude reclamar! Pois ambos me receberam muito bem. A troca de informações, experiências e vivências foram realizadas constantemente, quotidianamente.

As trocas foram tão importantes quantos as observações feitas em sala de aula. A troca me fez conhecer o sujeito verdadeiramente, fugindo da subjetividade, proporcionando um retrato mais fiel da realidade.

Vale ressaltar que a sala de aula deve constituir relacionamentos humanos profundos e duradouros, não digo duradouro no sentido do aluno tímido e professor virarem amicíssimos por um longo período de tempo, até podendo ser. O sentido é outro, duradouro diz a respeito ao que se vive na sala de aula e na escola se leva para vida, de modo que possa envolver o aluno acanhado em toda a sua potencialidade e em sua riqueza de experiências.

Capítulo 6:

Um olhar atento aos alunos tímidos em sala de aula

Para dar início a este capítulo primeiramente preciso descrever porque foram feitas as observações; como foram feitas e aonde foram feitas.

Escolhi fazer estas observações em sala de aula, já que me vejo como uma pessoa tímida muitas vezes excluída nesse espaço escolar. Também acredito que os tímidos também se sintam esquecidos no canto de uma sala de aula e nada podem fazer para mudar essa situação, pois a passividade não os deixa agir.

Além disso, é fundamental a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, isto é, do cotidiano. Sendo assim, resolvi observar de perto, com um olhar atento, aos alunos tímidos em sala de aula.

As observações foram feitas em uma escola pública, com alunos tímidos do 4º ano do ensino fundamental nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro do ano vigente, no qual, procurei observar principalmente a relação professor-aluno (tímido).

Os tímidos foram identificados a partir de observação participante - observando diariamente a vida das pessoas em pesquisa, escutando o que foi dito e questionando as pessoas ao longo de um período de tempo (durante quatro meses)

Ao entrar em campo, fui muito bem recebida pelos alunos. Mas em relação aos alunos tímidos pude notar total desconfiança. Em relação aos professores notei a falta de interesse por esses alunos, total descaso, eram completamente excluídos em sala de aula. Pude observar que os alunos tímidos não são notados em sala. Pude chegar a essa conclusão perguntando a diversos professores da turma X – Há alunos tímidos nessa turma?

Foi unânime a resposta “não” e acrescentaram que todos eram “bagunceiros”.

Em seguida fiz a mesma pergunta aos próprios alunos e eles responderam que havia dois alunos tímidos.

Notei que havia uma contradição entre as respostas, sendo assim, resolvi eu mesma observar atentamente a cada aluno. Notei algumas características tímidas. Uma menina chamada Elisa me chamou atenção, devido ao seu comportamento tímido; bem similar ao meu.

A menina sempre sentava no canto e não era de falar, só de rir. Tal comportamento fez-me lembrar como eu era antigamente...

Era conhecida por um grupo de colegas como risadinha, que só ria e não falava. E exatamente assim fui apresentada a menina tímida. – Conhece a Elisa⁵? “Ela só ri e não fala nada”

Rir funciona como um mecanismo de defesa para alguns tímidos disfarçarem a timidez. Um exemplo fiel disso, “o cineasta americano Woody Allen que conseguiu exorcizar sua timidez com um recurso muito comum entre os tímidos: rindo de si mesmo. “Só o riso liberta o homem”, disse uma vez. Em seus filmes, encarna um personagem - no fundo, seu alter ego -, sempre atrapalhado, acanhado e deslocado no mundo. Como os americanos adoram dizer, um perdedor. A auto-ironia de Allen é um bom exemplo para os tímidos: ajuda a diminuir o sofrimento de quem vive situação parecida. Afinal, o grande mal dos tímidos é se levarem a sério demais.” (Lopes Frag, s.d)

Os tímidos preferem não ser notados a ser destaque. O pavor de um tímido é tornar-se o centro das atenções. Para que ele esteja no centro, ele não se permite errar, não tolera frustração e vive em busca de aprovação, admiração de todos. Como isso é algo humanamente impossível, o tímido, por sua vez, veste um personagem de acordo com o que acha que é mais aceitável para o outro.

Retornando as observações, notei alguns outros colegas tímidos.

Havia uma menina na turma que não podia dirigir meu olhar para que se encolhesse toda, e roia suas unhas. Imediatamente parei de observá-la para que ela não ficasse mais acanhada. Já as crianças mencionadas como tímidas pelos alunos, notei que caracterizavam-se como timidez situacional, manifestando-se em circunstâncias específicas.

Uma outra criança que os colegas consideravam tímido, notei muito mais desmotivação do que propriamente timidez.

Cheguei a essa conclusão porque nas aulas de música, onde a professora não conseguia disciplinar a turma, ele bem que fazia bagunça e era repreendido, e aí me veio a pergunta: Tímido faz bagunça?

⁵ Nome fictício

Dado exposto concluí que os professores dessa turma, colocam todo mundo no mesmo “pacote”. Consideram todos os alunos como “bagunceiros”. Sendo assim, nem notam a presença de um tímido, nem de um aluno desmotivado em meio a tanta bagunça.

Além disso, esses professores só atentam para o indisciplinado, pois este precisa de ajuda, esse tem problema, na visão deles!

Em relação aos colegas esses são mais atentos aos tímidos e estes são acolhidos por eles.

O que pude observar também que os tímidos costumam ter amigos e costumam ser menos inibidos diante deles. Jogam, brincam, conversam. Já diante dos professores até nos jogos eles ficam recolhidos. Escondem-se nos seus casulos para não serem descobertos. E acabam ficando escondidos o tempo todo, pois alguns professores não são capazes de notar sua falta. Nessa escola notei que quando não excluem, expõem os tímidos – pude presenciar isso. Cito como exemplo o fato ocorrido em um dia de observação...

Em um determinado dia de observação na sala de música, enquanto fazia minhas anotações, a professora chama Elisa para ler o trabalho passado na aula anterior.

Ela se recusa de ir lá na frente apresentar o trabalho, mas a professora a obriga. Para piorar pede para que ela suba em cima de uma cadeira e leia em voz alta o trabalho. Em seguida a professora vai para o fundo da sala para ver se consegue ouvir a voz de Elisa. E diz a ela: - Fala mais alto que não estou ouvindo e pergunta às outras crianças: - Vocês estão conseguindo ouvir a voz de Elisa?

E as crianças respondem: - Não!

E Elisa permanece trêmula em cima da cadeira não vendo a hora de descer dali.

Após a leitura do trabalho perguntei a Elisa como ela tinha se sentido

Ela disse: - Fiquei muito envergonhada

Perguntei: - Porque se sentiu assim?

Ela responde: Porque todo mundo estava me olhando e rindo de mim

Perguntei: Porque você acha que estavam rindo de você?

Ela responde: Ela ri e em seguida responde: - Não sei.

Perguntei: Você queria estar ali?

Ela responde: Só fui apresentar o trabalho porque a professora me obrigou

Ao educador cabe não abusar de sua autoridade, dirigir suas crianças adolescentes de forma mais proveitosa e respeitosa possível para que ela se sinta parte da escola e se sinta feliz. (SEIXAS, 2006, p.36)

Para realização deste trabalho foram utilizados dois instrumentos de uma pesquisa etnográfica: observação (participante) - método em que o observador participa da vida diária das pessoas em estudo, tanto abertamente em estudo, tanto abertamente no papel do pesquisador, como assumindo papéis disfarçados, observando fatos que acontecem, escutando o que é dito e questionando as pessoas ao longo de um período de tempo; e, entrevistas do tipo “abertas”, onde o entrevistado é livre para discorrer sobre o assunto

Segundo Michael Genzuk⁶, etnografia é um método de olhar muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observações, documentos, os quais, por sua vez produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos.

Entrevista é um momento de troca de experiências e vivências, ao contrário de um questionário ou interrogatório. É um momento em que o entrevistador escuta e o entrevistado relata e o tema central é a história de vida de uma dessas partes.

Busca-se aqui transformar a entrevista em um momento memorável em que há registros, armazenamentos e manipulação de informações de modo que o entrevistador viaje mentalmente no tempo resgatando os acontecimentos significativos para ele e transformando-os em história.

Contudo, “para uma boa entrevista, pode bastar uma primeira pergunta. A partir de então, é saber ouvir uma história que muitas vezes está simplesmente guardada pronta para ser contada.” (LOPES, 2008, p.37)

⁶ Michael Genzuk ministra cursos sobre a teoria e aplicação da educação bilíngüe e ensinar Inglês como segunda língua, bem como o contexto sócio-político do currículo bilíngüe e instrução. Seu centro de pesquisa e escrever sobre questões relacionadas à formação de professores eo desempenho acadêmico de estudantes de língua minoritária, incluindo o crescimento cognitivo e fatores psicossociais que afetam o sucesso dos alunos. Informações disponíveis em http://rossier.usc.edu/faculty/michael_genzuk.html, acesso em 22/10/2011)

As Entrevistas foram realizadas no final do mês de outubro com dois jovens (um do sexo masculino e outro do sexo feminino). As perguntas foram previamente elaboradas, mas de acordo com o diálogo ia se conduzindo surgiram outras.

As perguntas foram as seguintes:

Você se considera uma pessoa tímida?

Acredita que fatores contribuíram para a construção de sua timidez?

A timidez te incomoda?

E qual situação na escola que ficava menos tímido? E mais tímido?

Como você se sentia em sala de aula perante aos colegas? E perante aos professores?

Você se sentia excluído em sala de aula?

Você se sentia exposto em sala de aula?

Você sentia acolhido em sala de aula?

Qual a sua maior dificuldade sendo uma pessoa tímida?

De que forma você enxerga a timidez?

Como você lida com a timidez?

Você é tímido com os amigos?

Que imagem você acha que passa para as pessoas?

O bate-papo com os tímidos foi bem prazeroso devido a muitos pontos em comum entre nós (entrevistador e entrevistado) e, também por eles terem tido a oportunidade de contar e registrar um pouco de suas histórias, muitas vezes guardadas.

Não tive grandes dificuldades em conduzir os diálogos, pois eles se mostraram bem receptivos e interessados no decorrer de toda entrevista. O clima foi bastante agradável, suscitando alguns momentos de risos e descontração.

Um dos entrevistados ocasionalmente escolhido chama-se Jonas⁷, tem 24 anos, é bacharel em piano e estudante de sistemas de informação de uma faculdade particular.

Já a outra entrevistada chama-se Janete⁸, tem 23 anos, é formada em marketing por uma faculdade particular.

Ao longo da entrevista Janete se mostrou bem objetiva e descontraída em suas respostas. Já Jonas levou mais a sério a entrevista, não demonstrando espontaneidade em nenhum momento. Estava mais preocupado com a coerência de suas respostas.

Mesmo dizendo que a timidez interfere só em determinadas ocasiões, observei que Jonas é extremamente tímido, principalmente com o sexo oposto.

Nas entrevistas pude observar muitos aspectos em comum, mas havia também alguns aspectos divergentes.

Começando pelos aspectos divergentes. Janete acredita que a timidez é adquirida com o decorrer do tempo. Já Jonas acredita que é algo da genética da pessoa e também pode ser adquirida com o decorrer do tempo. A partir dessa fala vejo que o jovem sente-se confuso em relação ao que pensa sobre a timidez. Para uma melhor compreensão irei transcrever essa parte da entrevista:

“É genética pelo fato das características pessoais e físicas contribuírem com o convívio social e, por isto, gerarem certas dificuldades de acordo com a situação da pessoa com um possível grupo ou indivíduo. Também, com o decorrer do tempo, acontecimentos podem ocorrer e mudar a personalidade e entendimento dos fatores existentes. Isto pode gerar repulsa e, até mesmo precauções que podem gerar um aspecto rotineiro e comodista na pessoa, ao meu ver.”

Os dois relataram também na entrevista sobre a extrema dificuldade que sentem em falar em público, particularmente apresentar trabalhos ou seminários.

Os jovens entrevistados encaram a timidez melhor hoje do que no período escolar. A partir desse depoimento vale ressaltar as perguntas pertinentes a escola.

⁷ Nome fictício

⁸ Nome fictício

Como você se sentia em sala de aula perante aos professores?

Jonas: As relações com os professores sempre eram muito distantes para mim. Conseguia me dar bem pelas minhas notas, mas, mesmo assim, nunca tive um contato mais próximo deles quanto tinha de meus amigos. Sentia muita timidez ao expor coisas minhas e contar histórias (como outros alunos faziam) em sala de aula para o professor e para a turma, com o medo de não parecer interessante.

Janete: Sempre invisível

Você se sentia excluído em sala de aula?

Jonas: Sim. Existiam momentos em que os alunos apresentavam suas experiências em sala de aula sobre determinado assunto que estava sendo tratado no momento. Me admirava ouvir os comentários de meus colegas e suas novidades e experiências a respeito de seus contos. Contudo, minha tentativa de fazer o mesmo não era das melhores, e sempre sentia o medo de não me fazer interessante e de não conseguir alcançar tal desenvoltura.

Janete: Sim. Porque ninguém falava comigo direito, me tratava bem

Você se sentia exposto em sala de aula?

Jonas: Não. Acho que pela turma ser grande e pela professora tratar a todos de uma maneira igual

Janete: Só uma vez na 7ª série, mas foi caso isolado... no mais não.

Você sentia acolhido em sala de aula?

Jonas: Sim, era o momento em que me sentia melhor. Tinha colegas que partilhavam dos mesmos gostos, colecionavam as mesmas coisas, e isso que ia me fazendo sentir mais integrado, e ao mesmo tempo acolhido. Minha facilidade com as matérias também me ajudavam a ter uma relação harmoniosa e distante de atos repreensivos pelos professores.

Janete: Não

Os jovens, durante a conversa, relataram que a timidez de fato atrapalhou muito mais na escola do que na faculdade. Janete chega a relatar que no período de faculdade a maioria dos alunos temem nas apresentações orais, portanto ali a timidez não fica muito evidente.

Nota-se que sempre se sentiram excluídos na escola perante aos professores e acolhidos geralmente pelos colegas

A maior dificuldade para os entrevistados é participar de entrevistas de emprego e dinâmicas de grupo. Acreditam que por conta do comportamento tímido perante a essas situações são prejudicados na hora de arrumar emprego. Janete nunca trabalhou e Jonas obteve o primeiro emprego recentemente através de concurso. Jonas acredita que é muito mais fácil arrumar emprego através de concursos do que em entrevistas.

Pude notar pelas entrevistas que os jovens consideram a timidez muito mais a um fator positivo do que negativo.

Em relação a este fato, transcrevo falas interessantes deles:

Fala de Jonas: “(...) Muitas vezes a timidez nos ajuda em ocasiões que valem a pena serem mais pensadas.

Uma pessoa sem medo está sempre disposta a falar sobre tudo em todas as horas, o que tende muitas vezes ao erro por precipitação e a tornar-se uma pessoa desagradável no meio social.”

Para Janete, a timidez torna-se positiva em relação a “paquera” – “é um charme, dá um certo mistério.”

Em relação como lidam com a timidez, ambos conseguem administrar bem a questão.

Achei interessante como Janete responde a essa questão dizendo: “Que a timidez é uma pedrinha no sapato... às vezes você esquece que tem, e as vezes incomoda.”

Ambos não consideram a timidez um bicho de sete cabeças e conseguem lidar por eles mesmos sem auxílio de ninguém, de maneira natural. Enfrentam o que tiverem que enfrentar com a cabeça erguida. Não fogem da situação, mesmo morrendo de vergonha.

Percebi que a timidez deles não é uma timidez crônica em que a pessoa tem dificuldade em se comunicar com estranhos, participar de entrevistas; fazer amigos; falar em público; falar com o sexo oposto; falar diante de autoridades.

Em relação aos amigos, Janete trata cada um de uma maneira diferenciada.

Jonas diz: “(...) “perante os amigos tenho uma relação mais tranqüila (...)” possui um comportamento menos temeroso e mais integrativo.”

No entanto, observemos a fala de Jonas:

Você é tímido com os amigos?

Jonas responde: Tenho medo de me abrir por completo e quase nunca opto por isso. Geralmente costumo manter conversas sobre assuntos mais distantes da personalidade, pois sei que fico mais tranqüilo quando não sabem muito de mim. Para algumas pessoas a questão pessoal é muito importante e alvo sempre de comentários e de espalhamentos. Por isso me desvio e prefiro não me ater à questões que possam me desconfortar no futuro. Entretanto nunca tive problemas com amigos, seja pela minha posição de não me ater a assuntos mais particulares meus, seja por ouvi-los mais.

Na pergunta “Que imagem vocês acham que passam para as pessoas?” Janete responde que passa uma imagem péssima para sua mãe. Perguntei-lhe o por quê?

Janete responde que a mãe acha que sua timidez é um defeito e que precisa mudar.

Mas para seus amigos e para o namorado, ela acredita que passe uma imagem positiva, pois ambos curtem seu jeito de ser.

Jonas generaliza dizendo que as pessoas vêem sua timidez de uma forma simples. Para uma melhor compreensão, é interessante a transcrição dessa parte da entrevista.

“Acho que elas vêem de uma forma fácil. Muitas vezes parece que acham ser simples o meio de se livrar de uma timidez. Mas os que realmente sabem aconselhar e dar opiniões válidas são aqueles que enxergam os problemas de forma mais profunda e que sabem como é estar na mesma situação.”

Senti nesse momento que Jonas se sente incomodado com a forma pela qual as pessoas intervêm em sua timidez. Percebi isso no seguinte trecho: “mas os que realmente sabem aconselhar e dar opiniões válidas são aqueles que enxergam os problemas de forma mais profunda e que sabem como é estar na mesma situação”.

Notei que Jonas se preocupa muito mais com os outros e Janete muito mais com ela mesma. Em uma parte da entrevista quando perguntei a Janete se ela tinha medo do que as pessoas podiam achar dela, em clima de descontração ela responde: “hummmm... não, só de estar mal vestida, (risos)”.

E de fato observei que Jonas demonstra ser mais tímido, já que se importa mais com os outros do que consigo mesmo, o que é característica predominante das pessoas tímidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar minhas considerações finais acerca deste trabalho sinto-me na obrigação de dizer o quanto foi difícil realizá-lo pela dificuldade de encontrar material escrito a respeito do tema.

Foi fácil encontrar manuais de como perder a timidez, curar, como falar em público entre outros, agora encontrar estudos teóricos que fundamentasse o trabalho foi bem difícil.

Mesmo com toda a dificuldade não desanimei, pois sempre tive vontade de compreender a timidez e entender um pouco de mim mesma e as possíveis causas de ser assim, principalmente, no ambiente escolar.

Com este trabalho pude entender que a timidez não pode ser vista como um defeito ou uma doença, como comumente se considera.

A timidez é uma característica que define o jeito como a pessoa é, assim como se define uma pessoa extrovertida, por exemplo. Além disso, a timidez pode ser manifestada em todas as pessoas em alguma determinada circunstância. Portanto ela não deve ser tratada como uma anormalidade, mas encarada como algo comum. Ela pode ser tratada, como um problema, se passar a trazer sofrimento à pessoa que se considera tímido. Nesse caso é apropriado procurar ajuda de um psicólogo.

Há também outras opções de diminuir ou perder a timidez como: dança esporte, música, teatro. As pessoas que se consideram tímidas podem buscar maneiras de melhorarem sua autoestima e sua autoconfiança.

No que diz a respeito a esses valores que o tímido deve ter, o professor/educador tem fundamental importância, porque é na escola que esses valores podem ser construídos ou reforçados por suas atitudes, como por exemplo, fazer um simples elogio.

Por esse fato é recomendável que os educadores trabalhem em prol da autoestima desses indivíduos acudados, que difundem ao máximo os gestos, as atitudes, as palavras que reforcem sua autoestima e favoreçam seu sucesso não só em sala de aula, mas na vida. Os educadores não sabem o bem que estão fazendo aos tímidos ao simplesmente os elogiarem. Para um extrovertido receber elogio é algo comum, mas para um tímido é algo gratificante, que muda a vida dele, mesmo sendo por um curto período de tempo.

O professor que acredita em uma educação com relevância social, pautada no respeito, compreensão, autonomia de idéias, promove a autoestima dos alunos, a partir de um clima de confiança, que faz o aluno se sentir aceito, acolhido, compreendido e respeitado.

Conhecendo um pouco mais sobre a timidez e sua conexão com a teoria do desenvolvimento psicossocial em Erikson, em que alerta que um dos motivos para o sentimento de inferioridade muito presente nas pessoas tímidas pode ser a imposição de tarefas, cobrança excessiva da escola, sendo assim, acredito que professores/educadores possam repensar em suas práticas, de forma a lidar melhor com a questão da timidez em sala de aula percebendo seus alunos tímidos como parte integrante do ambiente escolar, estimulando sua capacidade de produção e atuação em qualquer circunstância social.

REFERÊNCIAS:

- AMÉLIO, A. *O mapa do amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder*. São Paulo: Gente. 2001.
- BALLONE,GJ - *Personalidade Introversa (Timidez)*. In: PsiqWeb, Internet, disponível em <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=178>, revisto em 2009.
- BARRETO, Helena Aparecida da Cruz. *O educador frente à problemática da timidez do aluno*, Monografia de conclusão do curso de pedagogia, UNIRIO, 1996.
- CURY, A.J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextantes, 2003.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GUIMARÃES , Daniela. *Educação de Corpo Inteiro* . In: Salto para o Futuro/TV Escola,2008
- LOPES, Cláudio Fragata. *Timidez: não precisa se envergonhar* Revista Galileu, online, Globo.com. [online] Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/89/comportamento1.htm>. Acesso em 07 Dezembro de 2011.
- LOPES, Immaculada. *Memória Social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local*. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.
- LOPES, Priscila Keila Nogueira. *Histórias de vida de pessoas tímidas: Uma experiência em diálogo*, Monografia de conclusão do curso de Pedagogia, UNIRIO, 2008.
- MOTTA, Paulo Rogério - *A cultura e a personalidade na determinação do comportamento humano*, in Eu Universo, Internet. Disponível em <http://www.euniverso.com.br/Logos/a cultura e a personalidade.htm>. Acesso em 07 de Dezembro de 2011.
- PEREIRA, Ana Lúcia – *Timidez*, in Portal do Marketing, internet. Disponível em http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos_Psicologia/Timidez.htm. Acesso em 07 de Dezembro de 2011.
- RABELLO, E.T, e PASSOS, J.S. *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em < <http://www.josesilveira.com> > no dia 15 de novembro de 2011
- ROSENBERG, M. *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press. 1965.

SANCHES, William. *Mais Respeito! Delicado equilíbrio nas relações pedagógicas*, São Paulo: Mundo Mirim, 2009a.

SANCHES, Willian. *Pedagogia do compromisso: responsabilidade na prática do educador*. 2.ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009b.

SEIXAS, Rachel Corrêa. *Timidez infantil: Uma questão a ser pensada*, Monografia de conclusão do curso de Pedagogia, UNIRIO, 2006.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias da Vida Pública*. São Paulo: L&PM Editores, p. 324-325, 1996.

VEIGA, Aida. A tortura da timidez *O problema cresce numa sociedade em que todos precisam aparecer e o ambiente de trabalho exige dinamismo*. Revista Época, online Globo.com. [online]. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG63421-6014-306,00.html>. Acesso em 07 de Dezembro de 2011.

GUIMARÃES, Daniela. *Educação de Corpo Inteiro*. In: Salto para o Futuro/TV Escola, 2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: ISABELLA MERCES DE SOUZA

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: TIMIDEZ NO ESPAÇO ESCOLAR:
a atuação do professor diante do aluno tímido

ORIENTADOR(A): SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: ADRIANA HOFFMANN FERNANDES

Nota: 7,5

Considerações:

A aluna procura fazer um estudo a partir de sua própria experiência como aluna tímida buscando entender o que é a timidez, como acontece no desenvolvimento do ser humano recorrendo para isto à teoria do desenvolvimento social de Erick Erickson. Busca observar e entrevistar alunos considerados tímidos para pensar sobre a questão e demonstra um percurso de busca próprio - dentro de suas possibilidades - na elaboração da monografia.

O trabalho está escrito corretamente e demonstra o investimento feito pela aluna. Cuidado, no entanto, para não utilizar demais referências vindas da WIKIPÉDIA que não são respeitadas no

DATA: 20/12/2011

Assinatura: Adriane M. Fernandes

meio acadêmicos como fonte de pesquisa.

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Andra Albuquerque de Medeiros

Nota: 8,0

Considerações:

Corroboro as palavras da professora Adriana contendo a Isabella, entendo que ela se superou e produziu um trabalho um tanto untrado em sua própria experiência mas que nos fala das vicissitudes pelas quais as pessoas tímidas passam.

Data: 20, 12. 2011

Assinatura: Andra Medeiros

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
7,5	8,0	8,0

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2011.

Andra Medeiros
Prof. Orientador